

BARRETO, Plínio. Um dos maiores bandeirantes de São Paulo, São Paulo, 05 jun., 1955 (Avulsos).

O Estado
(Bilhetes)

BILHETES AVULSOS O Estado 5-6-55

Um dos maiores bandeirantes

PLÍNIO BARRETO

Enamorado da figura varonil de Fernão Dias Pais, a quem já dedicara rápido estudo, o sr. Afonso de E. Taunay consagrou-lhe, agora, um trabalho de fôlego a que deu o título — "A grande vida de Fernão Dias Pais".

Fernão Dias Pais ou Fernão Dias Pais Leme? O sr. Taunay é por Fernão Dias Pais. O sertanista jamais usou nas assinaturas o apelido Leme. Toda a documentação seiscentista só fala em Fernão Dias Pais. O Leme foi adicionado ao nome da família pelos descendentes de Fernão a partir de seu neto, o mestre de campo Pedro Dias Pais Leme. O próprio filho Garcia Rodrigues Pais nunca acrescentou aos seus apelidos o de Leme.

Historicamente, a razão está com o sr. Taunay. O bandeirante, realmente, se chamava Fernão Dias Pais. Continuará, porém, muito provavelmente, a ser Fernão Dias Pais Leme, devido, entre outras, à razão de que assim lhe chamou Olavo Bilac no seu poema "O caçador de esmeraldas". Nesta coisa os poetas impressionam mais que os historiadores. A poesia tem mais autoridade que a história.

Mas, seja Fernão Dias Pais ou Fernão Dias Pais Leme, a verdade é que não há nos anais da colônia, como bem observa o sr. Taunay, nome mais historicamente prestigioso e popular do que o do grande bandeirante seiscentista. Pela coragem, pela tenacidade, pela resistência às adversidades, pela forta-

leza e animo, pela intrepidez sob todas as suas formas, os bandeirantes e sertanistas parecem-se muito uns com os outros. Fernão Dias Pais, entretanto, de todos se distingue por algumas qualidades próprias. É assim que, ao contrário da generalidade dos invasores de sertão e caçadores de índios, nem sempre se socorria da força bruta para a realização dos seus projetos. Durante anos permaneceu nas regiões do sul donde regressou com um rebanho de indígenas que, pela relativa amenidade com que os tratava, se tornaram seus amigos. Com todos procurou estabelecer amizade e conduzi-los para o gremio da Igreja, conquistando-os pela cordura e persuasão, processos esses bem diversos, nota o sr. Taunay, dos meios geralmente empregados pelos sertanistas em relação aos homens inferiores das selvas. Embora exagerados pela tradição oral ou pela benevolência do linhagista (Pedro Taques) revelam em todo o caso na alma do futuro governador das esmeraldas, sentimentos humanitários que não eram os comuns em seu tempo, e entre os desbravadores do sertão. Basta a hipótese de ter sido um

bandeirante, por vezes, humanitário para que seja mantido, entre as maiores personagens do ciclo sertanista.

Admira-se em geral, nos homens daquela era, a tempera de aço e avaliam-se os homens não pela doçura do coração mas pela força do braço. Fernão Dias Pais foi, em varias conjunturas, implacável na maneira de punir os que se erguiam contra a sua autoridade, de que é exemplo o episódio da conspiração capitaneada por seu filho bastardo, José Dias Pais, a quem fez enforcar à vista de todo o arraial como justo castigo ao seu inqualificável procedimento, sem embargo do que, segundo a observação de Pedro Taques, desconfianças havia de que "o seu amor excedia para com esse bastardo aos grandes merecimentos de seu legítimo filho primogênito Garcia Rodrigues Pais que com o brio do sangue que lhe animava as veias sabia constantemente sofrer as calamidades e misérias do sertão para acompanhar nele sempre gostoso o seu próprio pai".

A última jornada pelo sertão, que fez para descobrir esmeraldas, foi ordenada pelo regente do reino. Fernão Dias realizou-a à própria custa gastando nela quase toda a sua fazenda. A certa altura pediu à esposa, que ficou em São Paulo, a remessa de recursos para os quais aconselhou que vendesse tudo, inclusive as jóias das filhas. Em se tratando de servir ao rei todos os sacrifícios lhe pareciam suaves. Nada lucrou salvo muitos elogios e promessas. Não era habito do príncipe regente, adverte o sr. Taunay, recompensar o exito. As tentativas para este resultado nada podiam merecer por mais penosas, por mais ingentes que fossem.

Amargas decepções colheu o bandeirante durante a aspera jornada. Exausto de recursos, são palavras do sr. Taunay, vendo o desânimo absoluto em torno de si, era pelo prestigio da disciplina terrível e a constancia inquebrantável ante a adversidade que o grande sertanista mantinha sua bandeira na sujeição. "Repetia-se na selva o que tão comumente sucedera na imensidão oceanica, na epoca das descobertas; o que estivera para acontecer a Colombo, o que a Fernão de Magalhães sucedera e ele soubera vencer: a revolta contra os inexoráveis Ashaveros do desconhecido, os do mar e os da selva, incansáveis perseguidores de miragens". Em meio do caminho foi abandonado por um dos seus companheiros de mais valor, Mathias Cardozo, que se retirou com o corpo militar com que de São Paulo partira a bandeira. Acompanhado apenas de seu filho Garcia Rodrigues Pais e de seu genro Manoel de Borba Gato, dos irmãos Diogo Barbosa Leme e Pedro Leme do Prado Rodrigues e do escrivo do arraial Antonio Bicudo de Alvarenga.

Prosseguiu na caminhada para o interior dos sertões até dar com as pedras que supunha esmeraldas mas que eram, apenas, turmalinas. Até os dois capelães desertaram. Logo depois de chegar ao lugar onde encontrou as turmalinas, subcumbiu a uma febre palustre. Do

mesmo mal foram atacados mortalmente varias pessoas da sua comitiva e maior parte do gentio que o acompanhava. A epopeia ele a concluiu sem um desfalecimento, na plenitude dos maiores sacrificios que podia fazer e fez. Aos olhos dos posteriores mais grandiosa ainda ela se tornou pela ilusão em que o sertanista acabou seus dias, caçando turmalinas em vez de caçar as esmeraldas que a ambição real desejava.

O sr. Afonso Taunay assenta a narração desse esplendido episodio da nossa vida colonial em documentos descobertos, alguns por ele proprio e outros por investigadores da nossa historia desde os tempos coloniais até os nossos dias. Tudo levou a cabo como costuma, com meticulosidade e escrupulo. Não é homem esse eminente historiador que se lance a conjecturas vãs para a defesa das teses que sugere. O seu passo no terreno historico é, sempre, firme. As hipóteses que expõe não as busca na fantasia. Assenta-as em informações bem apuradas.

Fernão Dias Pais não foi, apenas, o tragico governador das esmeraldas da historia e da poesia. Foi, também, uma das grandes personagens da sociedade de Piratininga. De todos os acontecimentos da sua epoca participou. Devem-se, por exemplo, à sua cooperação a volta dos jesuitas que, anos atrás, haviam sido expulsos de São Paulo. Participou, também, da luta entre Pires e Camargos, figurando ao lado da matrona varonil d. Inês Monteiro de Alvarenga, mãe de Alberto Pires, assassinado por gente dos Camargos. Com ela não era possível composição alguma. Rancorosa e intratável, recusava todo o perdão. Só sabia acular os seus partidarios contra os inimigos. O conde de Atouguia, então governador-geral do Brasil, dirigiu-se a essa mulher como a principal pessoa em cujo alvitre estava a ultima conclusão da paz que procurava dar às duas familias em luta. Dizia-lhe o conde que ela era a mais rija parte que havia nos casos de que resultaram todos os desconcertos que uma e outra parcialidade tinham padecido. A pacificação se fez mas à custa de muito trabalho e contra a vontade da matrona terrível. Não era justo, como ponderou o conde que, por a porfia de uma só mulher, que era a parte obstinada, padecesse toda uma capitania.

Posteriormente, Fernão Dias Pais e a matrona irredutível se tornaram inimigos devido a uma questão de familia, um caso de tutela dos netos da matrona, sobrinhos de Fernão Dias Pais. Não teve Fernão Dias Pais, nota o sr. Taunay, a minima contemplação com a antiga aliada, simbolo inquebrantável da irredutibilidade política, "alma do seu partido, e dedicadissima partidaria que se arriunara, quase, para sustentar a causa comum, a inquebrantável mulher a quem o governador-geral conde de Atouguia tivera de pedir que depusesse as armas". Homens e mulheres, naquela epoca, eram todos inamoldáveis. Todos gente de antes quebrar que torcer. Eram, assim, pelo geral os paulistas de então. Hoje, parece que estão mudados. Poucos serão os que se decidam, como Fernão Dias Pais, a gastar tudo quanto possuem para servir à comunidade. Mais facil é hoje encontrar quem se enriqueça



à custa da comunidade sob color
de servi-la.

Penso que o sr. Afonso Taunay conseguiu o seu objetivo que era dar-nos, de corpo inteiro, o retrato de um dos maiores homens de São Paulo seiscentista. Do São Paulo seiscentista e do São Paulo dos seculos posteriores. A leitura do seu trabalho é um deleite para os que sabem admirar e consideram apenas transitoria a decadência moral dos paulistas de agora. Com antepassados daquele porte não é possível que se degradem e pereçam os homens destes dias.

Copioso é o acervo de noticias daquela era apresentado pelo infatigavel historiador. Uma delas merece destaque: a probabilidade de correr nas veias de Fernão um pouco de sangue germanico — o que explicaria muita coisa na sua maneira de ser e de proceder. Desde o principio São Paulo teve, para o seu progresso, o concurso de outros europeus, além dos portugueses. Grande foi o numero de espanhóis existentes no seu territorio. De italianos, franceses e ingleses, há também muitos vestígios. Desde o berço São Paulo atraiu forasteiros, e revelou o seu destino historico de acolher em seu seio todos quantos, da terra e de fora, o procurassem — fundindo os na sua comunidade.